

Resenha

DURKHEIM, Émile. Friedrich Ratzel, Antropogeografia. In: DURKHEIM, Émile (Org.). *L'Année Sociologique*, troisième année (1898-1899), pp. 550-558, Paris: Félix Alcan, 1900. 623p.

*Tradução de Marquessuel Dantas de Souza*¹

A *Antropogeografia*² é a obra fundamental de Ratzel, onde se encontra expostos os princípios essenciais da ciência que ele empreendeu fundar. A segunda edição dessa obra³ nos permitirá, portanto, resumir para nossos leitores as ideias diretrizes dessa escola, cujos trabalhos interessam diretamente aos sociólogos. Essa nova edição é, aliás, remodelada num espírito mais sociológico. - Quanto à rubrica sob as quais ordenamos a obra, ela se explicará mais adiante.

A ideia que serve de ponto de partida as especulações da Antropogeografia, é que o homem tem ligações estreitas com o solo no qual ele vive. “A humanidade, é um pedaço do globo” (*die Menschheit ist ein Stück Erde*, p. 23)⁴; separar esses dois elementos é colocar-se na impossibilidade de

1 Geógrafo. marquessuelgf@yahoo.com.br

2 RATZEL (FRIEDRICH). – **Anthropogeographie**, Erster Theil: **Grundzüge der Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte** (*Anthropogéographie, Première partie: Principes de l'application de la géographie à l'histoire*). 2ª éd., Stuttgart, I. Engelhorn, 1899, XVIII-604, p., in-8º. In: *L'Année Sociologique*, p. 550, 1900.

3 A segunda edição da *Antropogeografia* é de 1899. Obs.: 1882, 1899 e 1909 (1ª, 2ª e 3ª edições alemãs, respectivamente).

4 “*Die Menschheit ist ein Stück Erde*” (RATZEL, 1909, p. 15). Terceira edição alemã de **Anthropogeographie**: Grundzüge der Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte. Dritten Auflage. Erster Teil. (Herausgegeben von Prof. Dr. Albrecht Penck), Stuttgart: Verlag von J. Engelhorne, 1909. 400p. - Na edição italiana: “L’umanità è una parte della Terra” (RATZEL, 1914, p. 23). **Geografia dell’uomo (Antropogeografia)**: principî d’applicazione della scienza geográfica alla storia. Primo volume. (Tradotta da Ugo Cavallero), Torino: Fratelli Boca Editore, 1914. 596p. – “A humanidade é uma parte da terra” (RATZEL, 1990, p. 40). *Geografia do Homem (Antropogeografia)*. In: **Ratzel**. MORAES, Antonio Carlos Robert (Org.), pp. 32-107. São Paulo: 1990. 200p. Traduzido do italiano por Fátima Murad.

compreendê-los. Contudo, a antropogeografia não trata de todas as influências que o solo pode exercer sobre o homem. Alguns desses efeitos atingem os indivíduos isoladamente, modificando sua constituição física e mental; eles residem, portanto, nas ciências que se ocupam do homem individual, ou seja, a fisiologia humana e a psicologia (p. 48 e 79). Os únicos efeitos que concernem à antropogeografia são aqueles que apresentam uma suficiente generalização para marcar a vida dos povos, da coletividade e de toda natureza, e, ainda mais particularmente, aqueles que contribuem para determinar a distribuição dos homens na superfície terrestre: pois reside aí o fenômeno geográfico por excelência (p. 77).

O resultado dessa concepção da antropogeografia traz três espécies de questões:

1º. Ela deve começar por estabelecer o modo da distribuição dos agrupamentos humanos sobre a terra, de como eles fazem parte de grupos diversos (étnicos, nacionais, linguísticos, religiosos, etc.). Ela elaborará mapas, pois há várias espécies de agrupamentos. Haverá assim lugares para as confissões religiosas, outros para as raças, outros para os Estados e em cada um deles deverá constar os lugares ocupados, seu entendimento respectivo, sua forma, densidade de população, etc.

2º. Mas a ciência não pode se contentar em descrever o modo de como os homens estão distribuídos, ela deve explicar esta distribuição. Em nenhuma parte, os povos são formados dos mesmos elementos. Sua repartição atual é produto de todos os tipos de movimentos que se sucederam no curso da história. - Quais são as leis desses movimentos? Quais são os fatores que facilitam ou que dificultam as causas que levaram esse ou aquele sentido? Esse é o segundo problema.

3º. Enfim, o terceiro grupo de questões leva a necessidade de compreensão dos diversos efeitos que o meio físico pode produzir nos indivíduos, e, por seu intermédio, no conjunto da sociedade. Assim, o clima contribui na formação do caráter nacional, além da fauna e da flora, e pouco depende da estrutura econômica (p. 77-79 e 48).

Este último problema é, como se vê, muito diferente dos outros dois. Ele ocupa no livro, aliás, um lugar restrito; pouco aparece nos dois últimos capítulos para que seja particularmente consagrado⁵. Segundo confissão do autor, essas questões estão no limiar da

5 Neste particular, Durkheim se refere aos capítulos XVI e XVII, cujos mesmos tratam do Mundo Orgânico e do Clima, respectivamente.

antropogeografia. Quanto às duas outras questões distinguidas, a primeira é remetida ao tomo segundo da obra; e, portanto, é a segunda que constitui em si o principal do livro do qual nós temos que falar. Essa ordem tem, sem dúvida, algo de surpreendente ao estabelecer, por vezes, de forma descritiva, o modo de distribuição dos homens por Estados, raças, etc., antes de procurar as causas. Isto explica, portanto, o plano seguido por Ratzel, onde as causas que o mesmo procura não são especiais para tal modo de agrupamento em particular. Trata-se de saber, não a razão do mapa político ou mapa étnico ou confessional serem desta ou daquela forma, mas como a natureza do solo contribui para determinar a maneira cujas massas humanas se movem na superfície do globo. Que essas massas sejam de grupos nacionais ou religiosos ou econômicos, há forças que as compelem para aqui se concentrarem, disseminarem, atraírem ou repelirem, concorrendo para marcar os sentidos dessa direção, o caminho que eles seguem etc.; e certamente essas forças são inerentes à constituição do terreno. O objeto do livro é pesquisar a maneira pelas quais elas agem. É, portanto, essencialmente uma teoria geral das migrações humanas que se oferece nesta primeira parte da *Antropogeografia*. Pois as migrações não são outra coisa que o conjunto dos movimentos em virtude dos quais as coletividades chegam a se agrupar e a se distribuir sobre o solo em cada momento da história: por conseguinte, é o estudo destes movimentos que por si só restitui esta distribuição.

Assim entendido, a geografia toma um aspecto muito diferente daquele como se apresenta geralmente. Comumente, ela é considerada uma ciência puramente estática, cujo objeto está fixado de uma maneira quase imutável; pois, a cada momento, as formas dos povos parecem nítidas e definidas, e elas passam a sofrer as mudanças importantes apenas remotamente. Mas não é o que parece. Em realidade, os lugares que as sociedades ocupam, todavia, são um tornar-se perpétuo (*das Voelkergebiet ist etwas ununterbrochen fließendes*, p. 120)⁶. Sobretudo, suas fronteiras visíveis são dotadas de uma fixidez relativa, elas se misturam de todas as maneiras, penetram em seus vizinhos ou são penetradas por eles, aumentando em imigrantes ou enviando pessoas, etc. Sem dúvida, falamos, às vezes, de certas sociedades como se elas estivessem imóveis durante um tempo mais ou menos longo; por exemplo, empreendemos definir o instante onde começou as migrações arianas. Mas esses períodos de pretendida imobilidade são períodos de uma mobilidade menor. O movimento das pessoas nunca cessa e, portanto, é impreciso querer determinar um início. Há somente diferenças na natureza da intensidade dos movimentos produzidos. Tanto eles

6 Na terceira edição do original alemão: “*Das Voelkergebiet ist etwas ununterbrochen Fließendes*” (RATZEL, 1909, p. 78). Organizado por Albrecht Penck.

são insensíveis e lentos; como são violentos e marcantes. Mas eles jamais faltam (p. 121-128).

Sendo o objeto imediato da pesquisa, a primeira preocupação da antropogeografia deve ser naturalmente determinar, de uma maneira geral, em que consistem esses movimentos coletivos, suas variedades e mecanismo. Todo o livro (p. 113-211) é dedicado a esse problema do movimento histórico (*die geschichtliche Bewegung*)⁷.

Há toda uma variedade de movimentos migratórios. Sem pretender dar uma classificação exaustiva, o autor passa rapidamente em revista as principais formas que eles podem tomar. Esses movimentos são conscientes de que tendem para o objetivo determinado, outros rumam sem fim definido; estes últimos são os mais frequentes, pois as massas humanas não podem representar por antecedência o ponto distante onde elas devem chegar, quando elas vierem a conceber um horizonte geográfico muito entendido (p. 131). Há migrações que se realizam de repente, em grandes massas; outras que se formam em pequenos grupos isolados, cujos membros, muito geralmente, se dissolvem na medida em que avançam (p.135). Há migrações ativas de povos que, eles próprios, se repartem fora do seu território; são passivos, devido ao choque que recebem, por assim dizer, das sociedades invadidas (p. 141). Há infiltrações lentas que, se repetindo, produzem geralmente tanto efeito quanto as invasões propriamente ditas (p. 144). Mas as diferenças mais nítidas são aquelas incrustadas na natureza das pessoas em movimento, na forma particular de sua civilização. Neste ponto, podemos distinguir as migrações de povos pastoris (p. 149-163), dos caçadores (p.163-166), dos agricultores inferiores que se deslocam quando esgotada a fecundidade do solo que ocupavam. Todas as migrações tem um caráter comum: julgam as sociedades receptoras pouco densas e que dispõem de vastos espaços. Apesar disso, encontram-se migrações particulares nos países bastante populosos; estas são migrações colonizadoras. Enfim, há aquelas migrações determinadas pelo comércio à medida que esse se desenvolve (p. 167-172).

Mas todas estas variedades são diferenciações de um mesmo esquema, que pode ser constatado graficamente: cada migração supõe um ponto de partida, um ponto de chegada e um caminho que conduz de um para outro. Mas o sentido destas palavras deve ser especificado. Não se representa uma migração de um lar notadamente circunscrito e dirigido, seguindo uma espécie de linha reta a um objetivo preciso. O lugar de origem apresenta sempre certa extensão; e de pontos diversos desta região emanam correntes diferentes para

7 Essa referência sobre “o movimento histórico” se encontra precisamente entre as páginas 111 e 134 da terceira edição alemã, organizada por Albrecht Penck. *Op. cit.*

uma nova região. Por outro lado, podemos falar de um território originário num sentido muito relativo. Este é o ponto, o lugar onde o movimento migratório realmente surge, onde aparece pela primeira vez; pois não há pessoas que sejam realmente autóctones. A palavra autoctonia não é uma figura e deve ser removida da terminologia científica. O estado de perpétua mobilidade das sociedades é por demais amplo para que nenhuma sociedade queira demorar-se no lugar de sua origem. Podemos, no entanto, dizer de uma região que ela é originária por relações estas que foi ocupada ulteriormente, e não de uma maneira absoluta. A mais forte razão é que nenhum país, nenhum lugar possa ser considerado como o lar inicial da humanidade ou, simplesmente, de certo grupo de ideias (p. 175). A determinação da porção do globo a ser ligado a dadas correntes migratórias pode ser feita remontando o caminho que eles percorreram. O autor mostra o quanto os outros critérios empregados expõem a erros. Do mesmo modo que os pontos de partida, as direções seguidas pelas migrações não são predeterminadas pela natureza. Apenas, os grandes volumes de água, os campos de gelo, os desertos, por que eles são completamente inabitáveis, exercem sobre estes movimentos uma espécie de ação negativa. Mas, fora destes casos extremos, não há nada na natureza do solo cujo esforço dos homens não possa triunfar com o tempo (p. 183).

Após ter assim caracterizado a natureza dos movimentos migratórios em geral, o autor passa sucessivamente em revista aos feitos geográficos com os quais eles se relacionam, quer eles dependam, quer eles contribuam para determiná-los. Pois as duas questões não estão suficientemente distinguidas por Ratzel; o que não prejudica a clareza da exposição. Estes feitos são os seguintes:

1º.) *A localização*. Na qual há que distinguir dois elementos: a) a maneira como os povos estão situados pelas relações com os povos vizinhos ou aquilo que Ratzel chama de *situação (die Lage)*; b) a extensão do espaço ocupado (*der Raum*). Segue que a situação de uma sociedade é central ou periférica, ou seja, segue que ela está cercada de todos os lados por outras sociedades, ou bem ao contrário, que ela tem ao menos um de seus lados livre, resultando que seus movimentos migratórios são necessariamente diferentes (p. 217 e seguintes). O número de países com os quais ela está diretamente em contato e sua importância respectiva, afeta igualmente o sentido das correntes migratórias etc. (p. 222). Mais evidente ainda, é a influência do espaço. Está claro que a expansão de uma raça ou sociedade não se faz da mesma maneira, que ela pode se desenvolver sobre vastos espaços ou que está materialmente obrigada a se concentrar nos limites mais ou menos reservados. Também esta é uma tendência fundamental de todas as sociedades que

entendem sua base geográfica; elas desejam espaço. A medida em que elas passam da infância à maturidade, elas vão progredir territorialmente. Sem dúvida, os espaços limitados possuem um papel útil; geralmente os lares nos quais se elabora [essa consciência] há uma concentração de energia para formas elevadas de civilização. Assim, desde seu surgimento, elas tendem necessariamente a espalhar-se além de suas fronteiras iniciais (p. 229-255).

2º.) *As fronteiras.* As fronteiras são antes determinadas pelos movimentos coletivos; elas experimentam a força da expansão de um povo em suas relações com as forças contrárias de povos vizinhos. Elas também apresentam formas muito diversas que refletem a constituição própria das diferentes sociedades (p. 261). Apenas as fronteiras naturais exercem uma ação positiva sobre o sentido das migrações, das quais elas marcam muito geralmente o propósito; pois todas as sociedades tendem instintivamente a direcionar suas fronteiras naturais (p. 263). O estudo das fronteiras se acha ligado, um pouco artificialmente talvez, a esta parte [de fronteiras naturais], porque elas servem de limite entre a terra e o mar.

3º.) *A superfície da terra.* Sob esta categoria se acham reunidos todos os fatores geográficos que mantêm as diferentes formas presentes nos distintos pontos do globo. Os povos se movem diferentemente dependendo se estão nos limites do mar ou encerrados no interior dos continentes. Os rios tem uma ação análoga àquela do mar (p. 339-337). Os continentes facilitam ou dificultam a expansão, segundo as massas de terra firme do qual eles são formados mais ou menos extensos e contínuos. A este respeito, o hemisfério Sul apresenta em relação ao hemisfério Norte, um contraste que se encontra em toda a história da humanidade. - Ratzel, vai admitir que há verdadeiramente duas raças fundamentais no gênero humano: a raça setentrional e a raça meridional (p. 369). A configuração dos continentes também tem sua influência. (p. 371); ilhas, penínsulas, istmos, etc., são estudados a partir desse ponto de vista. Uma seção especial trata dos relevos (p. 399-466).

Os dois últimos capítulos do livro são consagrados à fauna, a flora e ao clima. Fazemos por mencionar; pois concerne, sobretudo, à maneira cujo meio físico age sobre a estrutura econômica e as características dos povos.

Temos já a ocasião de indicar aqui mesmo a importância que atribuímos à obra de Ratzel. Não somente estes livros são ricos e engenhosos, mas tem o grande mérito de tirar a geografia do isolamento onde ela definhava, e da aproximação da sociologia, de fazer uma ciência verdadeiramente social, e ter assim aberto o caminho a estudos que prometem ser

fecundos. Mas devemos fazer a propósito da *Antropogeografia* uma observação já feita no resumo da *Politische Geographie*⁸: se a ciência que Ratzel empreendeu fundar⁹ é eminentemente sugestiva, seu objeto como seu método ainda permanecem indeterminados. Podemos ir mais além, contudo, não foi fácil dizer com precisão sobre o que ela é exatamente. Sem dúvida, a teoria dos movimentos migratórios é a parte central de seu argumento; mas tem tratado bem de outros sujeitos. Trata-se, em suma, de estudar todas as influências que o solo pode ter sobre a vida social em geral. Ora, os problemas diversos que se passam neste ponto de vista, são demasiadamente heterogêneos para situar-se numa só e mesma ciência. A natureza do solo, do clima, etc., certamente tem influências sobre as representações coletivas, sobre os mitos, as lendas, as artes, etc.; mas é à sociologia religiosa a quem pertence os estudos sobre este aspecto. As mesmas causas agem sobre o caráter das nações; assim são problemas da etnologia coletiva. - Da fauna e da flora dependem certas particularidades da vida econômica; portanto, é o economista quem deve conhecer. A configuração do terreno facilita ou dificulta a concentração da população; o demógrafo, por conseguinte, deve fazer a abstração. Um só e mesmo cientista não pode, portanto, ter igual competência para tal diversidade de problemas. Isto é o que faz a natureza um pouco turva da leitura da *Antropogeografia*. Esta é uma série de considerações que desperta à reflexão, mas que não se percebe sempre o vínculo, e dos quais, sobretudo, se vê desobstruir apenas um pequeno número de leis definidas.

Além disso, quando passamos em revista tal multiplicidade de fatos de toda natureza, a fim de pesquisar qual o papel desempenhado em sua gênese pelo fator geográfico, somos necessariamente levados a exagerar a importância, precisamente porque se perdem de vista outros fatores que intervêm igualmente na produção destes mesmos fenômenos. Sem dúvida, as influências telúricas estão longe de serem negligenciadas. Mas não me parece que elas têm a preponderância que lhes é atribuída. Elas concorrem para formar o que se poderiam chamar a idiossincrasia dos povos, seu humor, os caracteres pessoais de seu temperamento e de sua organização. Mas entre os traços constitutivos dos tipos sociais, não há, em nosso conhecimento, no livro de Ratzel, nenhuma demonstração deste gênero; como seria possível, pois já que as condições geográficas variam de um lugar a outro, não

8 *Geografia Política*. - É notório fazermos uma ressalva a esta referência de Durkheim sobre a Geografia Política de Ratzel. Bem entendido, no presente texto Durkheim chama atenção para o fato de que ele mesmo tenha elaborado um resumo sobre a Geografia Política de Friedrich Ratzel. O referido resumo fora publicado nos Anais Sociológicos de 1897/8, periódico dirigido por Durkheim. "*Politische Geographie*". *L'Année Sociologique*, t. II, 1897/1898.

9 Refereindo-se a *Antropogeografia*.

encontramos tipos sociais idênticos (abstração feita das particularidades individuais) sobre os pontos mais diversos do globo?

Ainda não se provou que esta influência restrita preserva a mesma intensidade nos diferentes momentos da história. Parece bem que ela tende mais e mais a se enfraquecer. As crenças religiosas das sociedades inferiores trazem a marca do solo sobre o qual elas se desenvolvem; hoje, as verdades das ciências são independentes de toda a situação local. Graças a grande facilidade das comunicações, os modos, os gostos, os costumes das várias regiões tornam-se mais e mais homogêneos. Para escapar a objeção e fazer ver quanto as sociedades, mesmo as mais elevadas, dependem estreitamente de sua base territorial, Ratzel faz observar que uma grande nação europeia é mais gravemente atingida se ela perde uma parte de seu território, mesmo vazio de habitantes, que se perdesse simplesmente uma parte ainda que significativa de sua população. Com efeito, como os povos se associam mais e mais ao solo em sua vida, transformando-o para seu uso, torna-se-lhes, na mesma medida, mais difícil de separar-se deste. Somente nesse caso, há ainda uma relação de dependência, que é quase o inverso do que se observa à sua origem. Se desta vez, a sociedade detém ao solo, não é porque ela sofreu sua ação, mas ao contrário, porque ela é assimilada. Ela traz sua marca à medida que é modelada sobre o mesmo. Portanto, não é mais a terra quem explica o homem, mas o homem quem explica a terra, e se a explicação do fator geográfico necessita importar da sociologia, e se este não ilumina a sociologia de novas luzes, ele, portanto, não pode ser compreendido por ela¹⁰.

Recebido em Agosto de 2014.

Publicado em Janeiro de 2015.

¹⁰ Grosso modo, como bem observou Nelson Werneck Sodré ao falar do escrito de Durkheim publicado nos *l'Année sociologique*: “Por coincidência ou não, - como lembra Lucien Febvre - nesse mesmo número -, Durkheim analisava a obra recém-publicada do geógrafo alemão, assinalando a sua novidade e fecundidade, mas fazendo reservas” (SODRÉ, 1976, p. 52). Ou seja, no presente texto é possível identificar que Émile Durkheim direciona críticas à obra de Ratzel. O seu posicionamento é crítico para com o pensamento de Ratzel sobre sua obra *Antropogeografia*: “Dir-se-á que essas reservas partem de sociólogos e historiadores, defendendo os limites de sua ciência dessa invasão que lhes parece insólita. A controvérsia gira mais em torno da *Geografia Política*, embora compreendida também a *Antropogeografia*.” (SODRÉ, 1976, p. 52). – SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à Geografia: geografia e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1976. 136p.